

**Documento de Registro de Entrevista para o site de MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Silvia Elena de Lima**

**SINTEPS-CPS  
SÃO PAULO/SP  
2018**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Sueli Soares dos Santos Batista

Instituições: Faculdade de Tecnologia de Jundiaí / UPGEPCPS

Roteiro de entrevista: Sueli Soares dos Santos Batista

Local da entrevista: SINTEPS/CPS, campus São Paulo

Data: 06 de setembro de 2018

Duração: 23 minutos e 50 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritores: André Marques Batista e Sueli Soares dos Santos Batista

Número de páginas: 13

### **Sinopse da entrevista**

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, durante as capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018. A entrevista foi realizada com a Professora Silvia Elena de Lima. Essa professora tem uma rica trajetória como docente e líder sindical, confundindo-se essa trajetória com a história da instituição e da carreira de seus docentes e funcionários administrativos.

## **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 28 e 29 de outubro de 2018

Nomes dos transcritores: André Marques Batista e Sueli Soares dos Santos Batista

**SSSB: Gostaria que você me falasse sobre sua trajetória de vida, sua família e sua formação escolar e profissional.**

**SEL:** Eu venho de uma família de classe média do ABC Paulista. Meu pai era industrial. Ele tinha uma pequena caldeiraria que foi crescendo... Minha mãe, na época em que eu era pequena, as mulheres não trabalhavam ainda fora, então tenho uma família bem tradicional. Pai, mãe, irmãos, né? Meu pai nunca conseguiu estudar, mas ele era um homem muito inteligente. E ele sempre se preocupou que a gente estudasse, tivesse uma trajetória, uma profissão. Então, estudar sempre foi muito gostoso para nós em casa, era uma meta. E meu pai, foi crescendo a caldeiraria dele, ele precisava de um engenheiro. Então eu me dispus a fazer engenharia para trabalhar junto com o meu pai. Antes da Engenharia eu fiz escola técnica na área eletrônica e enveredei para o caminho das Engenharias justamente por ver os equipamentos na caldeiraria do meu pai. As obras que ele fazia, achei sempre muito interessante isso, e enveredei por esse caminho. Eu nasci em Santo André. Meus pais são do interior do estado de São Paulo. Trabalharam na roça, como as maiorias das famílias tradicionais, no interior paulista, e vieram para a capital para poder... Meus pais vieram para São Paulo em 1950. Eu nasci em 60, na década de 60. Ai fiz primário no grupo escolar, público, da época da ditadura militar, cantando hino nacional, todo dia. Depois fiz o ensino ginasial também em uma escola tradicional pública de Santo André no Instituto Doutor Américo Brasiliense. Ele ainda existe e ainda funciona.

Depois eu fui para a ETE Lauro Gomes, era ETE ainda, não eram escolas técnicas estaduais, existiam escolas que tinham convênio entre a prefeitura,

estado... Era uma escola técnica muito famosa, na minha época, ainda ela é muito famosa. Quem estudava na escola técnica Lauro Gomes tinha emprego garantido nas indústrias todas ali da região (parque do ABC automobilístico). Fui fazer, gostei muito, uma escola maravilhosa, super estruturada. A gente estudava muito, mas a gente aprendia muito também. Fiz curso técnico em eletrônica.

Ai quando meu Pai precisava de um Engenheiro... Eu não fui para o mercado de trabalho (sai da escola técnica e não fui para o mercado de trabalho). Eu continuei a minha formação e fui fazer Engenharia. Ai como eu tinha estudado muito na Lauro Gomes, eu fui fazer no interior a faculdade. Uma vida um pouco mais tranquila. Fui fazer em Barretos. Tentei Ilha Solteira e Barretos. Não tentei nenhuma das faculdades de São Paulo. Eu queria mesmo sair um pouco de casa, aprender a viver em comunidade. A gente era muito protegido naquela época. Minha irmã já tinha saído. Ela foi fazer faculdade de medicina fora (em Marília, no interior de São Paulo) e eu quis sair também para fazer, aprender a viver. Foi uma experiência muito rica, para mim pessoalmente. Fiz Engenharia, Engenharia Eletrônica, Eletrotécnica, na área de sempre da indústria. Formei-me em 1984. Ai, fui procurar emprego, como todo bom formando. Vale para o mundo, fui procurar emprego. Voltei para São Paulo. No interior não tem emprego na área da Engenharia, muito pouco. Fiz muitas entrevistas e vi muita resistência com relação ao fato de eu ser mulher. Os entrevistadores me diziam: “Não vai ser possível colocar para comandar uma série de peões, eles não vão te respeitar, você é muito jovem, você é mulher..”. Então, existia uma barreira muito grande para entrar na indústria, no mercado de trabalho industrial por conta da minha formação na área de Engenharia, pelo fato de ser jovem, e principalmente pelo fato de ser mulher. Eu me formei com 23 anos, na flor da idade.

**SSSB: Como foi a sua inserção profissional no início e como chegou ao Centro Paula Souza?**

**SEL:** Voltei para São Paulo. Era Santo André na verdade. Nossa residência sempre foi em Santo André. Voltei para lá. Comecei a procurar uma coisa fora da indústria. Ai eu fiz várias entrevistas para cursinho. Sempre gostei. Eu dava aula particular de inglês quando eu estava na faculdade para ajudar a complementar a renda, né. Eu dei várias aulas particulares de inglês, para várias crianças. Eu sempre gostei de dar aula, de ensinar, e eu procurei também essa vertente quando eu não conseguia na indústria. E eu comecei dar aula de laboratório, em uma escola pequeninha, particular, junto com um professor muito legal. Professor Simões, já deve ter falecido porque ele era velhinho. Mas ele me ensinou muito coisa da didática também.

Dei aula em duas escolas particulares, e ai eu conheci um colega da escola técnica, e ele me falou: “Nossa, nós estamos precisando muito de gente na escola, vai pra lá”. Eu fui. E estou aqui até hoje. Isso foi em 1985. Já era Centro Paula Souza. Nós tínhamos entrado recentemente para o Centro Paula Souza. Foi em 1981. E 1981 a Jorge Street entrou para o rol do Paula Souza. Era uma escola muito gostosa. Ainda é. Eu agora nessa outra vida que eu tenho, não como docente, mas como líder sindical, vou muito nas escolas e o ambiente ainda é muito gostoso. É uma escola pequena, tem uma característica assim... O corpo docente é muito junto, o pessoal é unido. É interessante! Acho que é porque é uma escola pequena, e ela tem ainda bastante dos professores antigos, no qual eu me enquadro. Então, é uma escola muito gostosa de trabalhar. Mas já era do Paula Souza quando eu entrei. E também o mesmo preconceito da indústria tinha na educação também, porque eu fui à primeira professora de eletrônica mulher na área de eletrônica no Jorge Street. Grande companheira minha professora de lá, professora Rosa Maria, ela era a primeira e única professora na área de mecânica. Ai assim... quando eu entrei... Porque eu não, porque ela já tinha sofrido todas as... Não é que o ambiente fosse hostil, mas os próprios alunos tinham um certo... assim... como vou dizer? Existia um preconceito mesmo: “mulher não é da área, mecânica mulher não é da área de eletrônica”. Então nós fomos as pioneiras lá na ETE Jorge Street. Das outras unidades eu não sei, mas no Street éramos nós.

Logo que entrei no Jorge Street, que eu fui conhecer como era vida acadêmica. Eu lembro bem... O primeiro choque que eu tive foi a reunião pedagógica que eu participei, que foi no mês seguinte de eu ter entrado. E aí o pessoal começou a discutir um negócio chamado carreira docente, e era uma discussão: “A gente tem que ter carreira, a gente tem que ter carreira.”, eu não sabia o que era isso... Aí eu fui aprender o que era e comecei a me engajar nessa discussão de que precisava de uma carreira, participei de vários atos de 20 pessoas mais ou menos. Éramos muito poucos, a instituição era muito pequena época, e era muito separado, o que era Fatec já tinha carreira, o que era Etec, que eram poucos trabalhadores, não tinha carreira ainda. Então foi um crescendo e acabei me envolvendo em todas as discussões de trabalho, desde o início, desde o primeiro mês que eu entrei no Jorge Street. Aí evolui para ajudar a associação dos docentes das escolas técnicas da época. A gente teve um diretor superintendente muito... que perseguia muito a associação de docentes e a presidente, a secretária e tesoureira não puderam ser afastadas para exercer o mandato, então todo mundo quando tinha um tempo vinha e ajudava. Eu tinha as sextas-feiras livres, eu passava, vinha a São Paulo, que era a sede da associação, e ajudava no trabalho de escrever, que eu sempre gostei muito, de fazer boletim. Eu fui me envolvendo nessa vida, que é tão dinâmica quanto a vida em sala de aula. Aí foi natural, foi uma coisa muito natural, a gente fazia reuniões...

Isso foi em 1990 quando eu já estava com a associação, não participava, não fazia parte como diretoria dessa associação. Era uma colaboradora do eu que acreditava no trabalho que eles estavam realizando, que era um trabalho de defesa da categoria. Eu sempre fui muito pela justiça. Eu acho que a gente tem que lutar pelo que a gente acredita. Desde a época da escola técnica. Então aí eu fui me envolvendo, me envolvendo e me envolvendo, quando fui ver me indicaram para ser presidente da associação em 1992. Na mudança me indicaram para ser presidente da associação, e eu falei: “A, eu vou né, fazer o que, me indicaram”. Foi numa reunião... e dali para cá eu estou com essa vida de defender categoria, defender educação pública gratuita de qualidade.

A gente já sofreu aqui no Centro Paula Souza muitos ataques. A instituição já foi muito usada como experimento no meu ponto de vista, experimento político, e nem sempre eles foram bons no experimento. Então a gente tem uma trajetória no Centro Paula Souza de ataques dos governos. Cada governo tem uma proposta diferente, uns querem expandir, outros querem destruir, outros querem transformar, e ninguém efetivamente, nessa trajetória que a gente teve (enquanto eu estou no sindicato), ninguém pensou em fazer essa instituição evoluir. Teve um bom período que foi na época do professor Elias Orani quando ele foi o diretor superintendente, eleito pela comunidade, foi uma luta linda, que aí nós juntamos as associações e não existia sindicato. Segundo Grau, Funcionário, Professor, pessoal do Terceiro Grau, os alunos que eram bem intensos naquela época, não tinha essa apatia de hoje...

Quando a gente se juntou para provocar que existisse um processo eleitoral aqui no Centro Paula Souza, aí a gente viu a possibilidade da união, que é importante. Aí já era garantido pela lei que os servidores públicos tivessem um sindicato. Então nós evoluímos para fundar o sindicato. Infelizmente a associação do terceiro grau não quis se juntar conosco, mas aí os funcionários do segundo grau se juntou para dar origem ao sindicato. Isso foi em 1993. Já era professor Orani. A gente estava passando por uma época em que o país numa época de redemocratização, então a instituição estava se redemocratizando também. Depois teve um corte. O professor Elias foi mandado embora... não foi mandado embora, foi destituído do cargo. É outra história que não vale muito a pena querer relatar aqui...

Fui sempre foi muito atuante no sindicato. A minha vida passou a ser isso. Foi muito difícil para mim romper, sair da unidade e vir para o sindicato. Logo no começo, eu continuei com aulas. Eu não quis o afastamento pleno que a gente tem direito. Eu continuei com uma turma de Eletroquímica em que eles se sentiam menosprezados, porque a moda era eletrônica ou a moda era mecânica... Mas eu tinha com eles uma interação muito grande e eu não queria deixá-los. Eu falei: "Eu quero continuar com essa turma. Eu preciso mostrar para eles que eles são excelentes profissionais, que eles têm futuro". Mas o trabalho sindical, na época da associação acabou fazendo que eu

tivesse que largar, infelizmente. Eu tentei continuar, mas não deu. Eu tive que me desfazer da vida de docente para entrar na vida da associação, porque foram movimentos muito intensos que aconteceram na década de 1990 nessa instituição. Então, a criação do sindicato tem a ver com toda trajetória que a gente tinha em torno do professor sem carreira, sem direitos. Era muito caseiro, vamos dizer assim. O Maluf trouxe as escolas pra cá mas a gente ficou jogado dentro das estrutura do Paula Souza. Então a gente construiu de 88 em diante a trajetória profissional dentro do Paula Souza. E não dava para continuar em sala de aula, o que no início foi um grande choque para mim porque a docência é muito importante. Eu sempre dizia: “Eu sou Engenharia de formação, de professora de coração”. Porque é muito gostoso você lidar com os estudantes, a trabalhar com eles, apesar do professor ser uma vida sem lazer, principalmente quando a gente quer trabalhar muito com os alunos. É uma vida mais complicada. A gente não ganha muito. Então você tem que trabalhar muito para ter uma renda razoável. Nós passamos por crises salariais terríveis dentro do Paula Souza. Terríveis. Teve época que a gente não tinha dinheiro praticamente para comer. Foi uma época muito difícil. Isso foi nos anos 80. Ai que o envolvimento dos alunos ajudou. Fizemos uma greve monstruosa em 88. Aí conseguimos uma carreirinha emergencial. Um fôlego para a gente continuar o trabalho, porque estava todo mundo indo embora das escolas. Não tinha mais professor. Eu cheguei a dar 9 disciplinas. 9 disciplinas para manter, para os alunos não ficarem sem aula. Porque enquanto eu estava na unidade eu já participativa das lutas da categoria. Mas os alunos eram fundamentais. Então, não podia deixar eles sem aulas. 9 disciplinas, 3 fiz com a mesma turma, coisa nada pedagógica, mas já aconteceu, de segurar a bola no Jorge Street. Quem ficou naquele período ruim...(os professores também sumiram muito hoje em dia)...conseguiu manter.

**SSSB: O que você vislumbra para a educação profissional e para a carreira docente?**



**SEL:** Eu tenho muito preocupação com o futuro, a gente ter por obrigação de estudar, estudar o que está acontecendo inclusive em termos de legislação, de mudanças na educação. Então como a gente tem como obrigação primeira a educação pública gratuita de qualidade, eu vejo que ao invés de progredir, nós estamos em um momento de regressão. As reformas que estão postas tanto para o ensino médio, como para o ensino técnico e ensino tecnológico são muito perigosas em termos de manutenção da existência da instituição como a gente conhece e como a gente a construiu.

Eu não gosto muito de fazer previsões, mas eu tenho muito medo da privatização do nosso sistema. A gente está em um período eleitoral agora complicadíssimo. As propostas dos candidatos são horrorosas, todas elas. É a tecnologia, a questão do EAD muito presente, muito forte, sempre no sentido do empobrecimento da formação. Como a gente é docente, além de ser líder sindical primeiro, a gente defende a educação, então eu tenho muito preocupação com o futuro. E eu tenho uma tristeza muito grande com a apatia que envolve as pessoas todas. A gente divulgou não faz muito tempo, a proposta de novas grades que o Paula Souza vai colocar nas escolas técnicas. A gente não teve nenhuma manifestação, ninguém discutiu, nem que gostou e nem que não gostou. A gente mostrou o ano passado um sistema de sinaleiro que inventaram para Fatec agora, cores de cursos... e com o intuito claro de fechar os cursos... A gente não teve manifestação de ninguém, nem contra e nem a favor.

É muito sintomático, as pessoas estão aceitando tudo passivamente, e qualquer coisa que a gente chame a discussão, as pessoas entendem que é uma questão político-partidária. Não conseguem separar o sindicato da política partidária, que é uma coisa que a gente sempre prezou em fazer. O nosso sindicato não tem vinculação político-partidária, justamente porque o sindicato deve defender a categoria, e nossa que é da área de educação, é da educação pública gratuita de qualidade, não dá para misturar com a questão político-partidária. Mas não dá para separar da política. E o que tá acontecendo agora é uma apatia tão grande que me entristece, porque eu venho de um movimento, dos anos 80, que a gente fechava as ruas, a gente chamava a categoria e vinha todo mundo, vinha professor, funcionário, aluno,

a gente fazia passeata sem carro de som, no gogó mesmo. Todo mundo ali lutando pela escola que defendia. Agora a gente não vê mais isso. Isso é muito preocupante! Então, eu não tenho muitas perspectivas boas para o futuro.

Eu fico preocupada porque eu estou no fim da minha carreira, próximo da aposentadoria, mas tem toda uma geração de trabalhadores que está vindo aí que não estão envolvidos. E nem os alunos... A gente não vê o movimento dos alunos, que costuma ser mais acelerado até pela própria juventude que eles têm. Está tudo recrudescido. Os tempos estão sombrios. E por isso eu não consigo ter uma boa perspectiva. Eu sei o que a gente tem que fazer. A gente tem que lutar por aquilo que acredita, e vou continuar fazendo isso enquanto eu tiver força, e estou trazendo pessoas junto comigo. Estamos fazendo mas são poucas. Então minha perspectiva é... É triste. Nesse momento minha perspectiva é sem perspectiva. Se é que a gente pode dizer assim. Mas sempre é possível mudar. Sempre é possível que alguma coisa faça com que as pessoas entendam efetivamente o que a gente está (a gente eu digo a população, os brasileiros, o mundo inclusive) vivendo agora. E que a gente volte a discutir, a pelo menos discutir no âmbito escolar as consequências do que essas reformas que estão sendo colocadas trarão para nossa sociedade, os nossos valores, o nosso trabalho. Tudo bem que vem indústria 4.0... Não vai ter mais trabalho para ninguém, mas ela virá. Ela não veio. Aqui no Brasil, ela não chegou ainda. A gente ainda tem alguns anos de trabalho. Vamos fazer um bom trabalho, uma boa educação. Vamos nos preocupar com nossos jovens e com o futuro do nosso país! É essa mensagem que eu deixo.

## **Descritores**

Escola Técnica Estadual Jorge Street

História da educação profissional.

História oral da educação

História oral de vida

Formação e trabalho docente.  
Memórias do trabalho docente  
Movimento sindical.  
Profissionalização docente  
Gênero  
Trabalho  
Formação profissional.

### **Dados Biográficos da Entrevistada**



SILVIA ELENA DE LIMA é natural de Santo André-SP. Possui graduação em Engenharia Elétrica pelo Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos (1984). É especialista em Governo e Poder Legislativo, na área de Ciência Política, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em parceria com o Instituto do Legislativo Paulista. É professora III do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), na área de Indústria, na ETEC Jorge Street e atualmente exerce a presidência do Sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza - SINTEPS. Tem experiência na área de Engenharia Elétrica, com ênfase em Engenharia Elétrica, na área de Ciências Sociais e Políticas e na atuação sindical. Em

2018 ingressou como mestranda no Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Ceeteps.

### **Dados Biográficos da Entrevistadora**



Nascida em 1964 em Iguatu-Ceará, SUELI SOARES DOS SANTOS BATISTA iniciou no magistério em 1988 quando ainda fazia o curso de História na USP. Até o ano de 1995 trabalhou na rede pública e privada de ensino em Guarulhos e na cidade de São Paulo, dando aulas de História e Filosofia para alunos do 1º. e 2º. Graus. Entre os anos de 1996 e 2002 realizou estudos de mestrado e doutorado, com bolsa Capes (mestrado) e Fapesp (doutorado). Voltou a ter vínculo empregatício a partir de 2003 quando ministrou aulas nos cursos de Pós-Graduação em Educação na Unicep, em São Carlos-SP. A partir de 2007, até os dias atuais, vinculou-se através de concurso público ao Centro Paula Souza, atuando nas Faculdades de Tecnologia de Itu e de Jundiaí, como docente pesquisadora. Em 2008 criou, junto com o Prof. Dr. Emerson Freire, o Núcleo de Estudos de

Tecnologia e Sociedade. Entre 2009 e 2018 atuou como docente em Regime de Jornada Integral. A partir de 2014 passou a fazer parte do corpo de docentes permanentes da Pós-graduação do Ceeteps.

**Anexos** (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem